

Profª Celia Dione Macedo Silva

Nome da Escola: EMEB JESUS CRIANCA – Cuiabá/MT

Título

Se as mulheres não têm voz, o seu grito não tem som.

Resumo

O tema abordado no projeto foi violência doméstica sofrida pelas mulheres que estudam em uma escola municipal de uma região periférica de Cuiabá. Nesse projeto, desenvolvido com 40 alunos, distribuídos nas 3ª e 4ª fases (equivalente aos anos finais do Ensino Fundamental), busquei: estudar os tipos de violência doméstica, os mecanismos que o Estado dispõe para combater tal problema (como Lei Maria da Penha); compartilhar, em forma de roda de conversa, histórias de vítimas de violência doméstica em todas as suas formas; debater, com alunos e alunas, as possíveis soluções para evitar casos de violência doméstica; propor a leitura de histórias de mulheres inspiradoras de nossa história, como Tereza de Benguela e Maria Carolina de Jesus; produzir escrita de memórias e gravações de vídeos referentes à vida de mulheres (elas próprias ou suas mães).

Digo que esse tema não foi escolhido, ele surgiu como um problema a ser no mínimo discutido, criou forma devido às constantes histórias de violência contadas durante as aulas, cujas protagonistas eram as mulheres. Independentemente da idade, esses relatos vinham sempre carregados de muita dor, histórico de discriminação e violência. Diante disso e, ainda, pelo fato de Mato Grosso ser o estado com a maior taxa de feminicídio no Brasil e o segundo com maior número de casos de violência contra a mulher, tracei objetivos para desenvolver um trabalho que permitisse às mulheres expor suas histórias, promovendo uma reflexão, com expectativa de mudança dessa realidade violenta. Além de criar as condições para desenvolver as capacidades de leitura e escrita, ferramentas com as quais os estudantes poderão melhorar a qualidade de suas vidas.

Com o desenvolvimento do trabalho, notei que os alunos se tornaram mais assíduos, vale lembrar que evasão escolar é o grande problema da EJA, e melhoraram o desempenho, ficando mais participativos, aperfeiçoando as práticas de leitura, compreensão e escrita de textos. A melhora dos alunos pode ser constatada com o fato de que 8 alunos foram, por meio de avaliação institucional, avançados da 3ª fase para a fase seguinte.

Planejamento

O interesse em desenvolver um projeto educativo voltado para problemática da violência doméstica aconteceu em 2016, quando, lotada numa escola periférica do município de Cuiabá, me deparei com uma realidade distinta daquela que já estava habituada a trabalhar em outras escolas. As turmas eram heterogêneas, havia jovens de 15 anos e adultos de até 60 anos, havia ainda muita troca de experiências entre todos, que, em muitas oportunidades, me fizeram avaliar as metodologias adotadas e a minha postura como educadora.

As trocas de experiências se transformaram em relatos e foram se tornando mais profundas e cheias de emoções, entre um conteúdo e outro havia as pausas que nos remetiam às histórias de vida, de luta e superação.

As histórias, cujas protagonistas eram as mulheres, independentemente da idade, vinham sempre carregadas de muita dor, discriminação e violência. Diante disso, e ainda pelo fato de Mato Grosso ser o estado com maior número de feminicídio e o segundo com maior número de violência contra a mulher, tracei no início deste ano, os objetivos para desenvolver um trabalho que busque combater a violência

doméstica e que permita às mulheres relatar oralmente suas histórias, por meio de um roteiro de perguntas (entrevista), registro escrito de relatos, gravação de vídeos de depoimentos e desenhos retratando sua história.

Para desenvolver o projeto, busquei a colaboração de uma professora em readaptação de função, que prontamente se encantou com a causa e a partir de então, começamos uma parceria de solidariedade e muitas lágrimas.

Previmos, como recursos materiais, o uso do laboratório de informática para realizar pesquisas, além de notebook, fotocópias dos mais variados gêneros textuais para leitura, data show, aparelho celulares com câmera de boa resolução, suportes para celular.

Para obter um retrato dos tipos de violência entre as mulheres da EJA, decidimos, então, elaborar uma pesquisa com a aplicação de questionário. Entrevistamos 59 mulheres, alunas da EJA e nas duas salas anexas, localizadas no Centro de Convivência de Idosos e constatamos que, de acordo com as respostas apresentadas, 50% delas afirmaram ter sofrido violência doméstica, 81 % disseram ter presenciado algum tipo de violência contra a mulher.

Apresentamos o projeto aos estudantes, com uma aula inaugural sobre a resistência de Tereza de Benguela e sua luta pela liberdade, seguida pela exposição de índices de violência contra a mulher, sobretudo a negra (tudo com slides). Para discutir o tema, propomos a leitura e o debate de diversos textos como charges, conceitos de violência doméstica, trechos da Lei Maria da Penha, biografia de mulheres que resistiram à opressão e se tornaram inspiradoras (Tereza de Benguela e Maria Carolina de Jesus), além da escrita de memórias.

A comunidade se mostrou interessada pelo assunto e ficamos ainda mais motivadas a tratar das desigualdades de gênero, fundamental nas escolas, pois dessa forma podemos combater a cultura da exploração, violência e abusos dos quais a mulher é historicamente vítima.

Os referenciais teóricos, que subsidiaram o desenvolvimento do projeto em todas suas etapas, foram o método Paulo Freire e a teoria sociointeracionista de Vygotsky. Não aplicamos o método Paulo Freire em sua íntegra, até mesmo porque a maioria dos alunos atendidos já são alfabetizados, mas nos atemos à ideia de que a educação deve ser transformadora e que deve partir das experiências vividas pelos alunos, permeadas por discussões e reflexões ao longo do processo. Já a teoria de Vygotsky afirma que o ser humano se constrói por meio da interação com o meio onde está inserido, por essa razão compreendemos o porquê da persistência da violência contra a mulher. Por outro lado, a teoria também afirma que essa interação é dialética, pelo fato do ser humano também interferir no meio, transformando qualquer realidade. Sendo assim, acreditamos que a educação pode ser uma das ferramentas para impulsionar essa mudança. A leitura e produção de texto desenvolvidas neste projeto foram subsidiadas pela teoria de gêneros discursivos de Bakhtin.

Diagnóstico

A escola onde foi desenvolvido o projeto está localizada na periferia de Cuiabá, em uma região de pólo industrial, em que a atuação do poder público é ineficiente, havendo carência de saneamento básico, asfalto, segurança e transporte. Trata-se de uma região com altos índices de violência, prostituição, tráfico de drogas e consumo, até mesmo no espaço escolar. A escola funciona em três turnos, no diurno oferece Educação Infantil e o Ensino Fundamental Regular, à noite atende a todas as fases do Ensino Fundamental na modalidade EJA.

Os estudantes que frequentam a EJA possuem baixa renda e não são poucos os que contam com o auxílio de programas do governo, como o bolsa-família. As indústrias da região absorvem parte da mão de obra que frequenta a EJA, são empregados nos ramos de panificação, restaurantes, produção de transformadores elétricos, ração animal, entre outros.

O histórico de violência entre os alunos é significativo, sendo muitas vezes banalizado devido à rotina em que ocorrem homicídios entre vizinhos, amigos e parentes. O consumo de drogas lícitas e ilícitas também é recorrente, o que se caracteriza como um dos geradores de violência doméstica.

A escola está em harmonia com esse triste cenário, sendo nada atrativa, vez que a estrutura física apresenta inúmeras falhas, como: pisos danificados, paredes com infiltração, salas de aula sem sistema de climatização (numa localidade onde a temperatura é sempre elevada, alcançando a máxima de 43 graus), a água disponível para os alunos é sempre natural.

Os recursos pedagógicos são ineficientes e não atendem à demanda, quer seja do ensino regular ou da EJA, a internet é de acesso limitado, a quadra de esportes é insalubre pela presença de aves transmissoras do herpes-vírus.

As turmas escolhidas para o desenvolvimento do trabalho foram as de 3ª e 4ª fases (equivalem aos anos finais do Ensino Fundamental). Os alunos dessas turmas têm entre 16 e 60 anos, ou seja, uma heterogeneidade de várias gerações, com comportamentos e valores bem distintos, com interesses diversos, gerando conflitos e choques de geração. O principal desafio nesse segmento é combater a evasão escolar, promovendo atividades significativas e pertinentes às necessidades dos alunos, de maneira que possa elevar a autoestima, promover a autonomia, sensibilizando-os para o exercício da cidadania promovida também por meio da educação formal, que se constitui numa ferramenta para melhoria da qualidade de vida.

O objetivo principal, ao se trabalhar com alunos e alunas da EJA, é assegurar o domínio da escrita e leitura, ressalte-se que tais alunos apresentam diferentes níveis de dificuldade, indo desde a fase pré-silábica à alfabetização plena.

Destaque-se que o domínio da oralidade é algo que merece destaque, são recorrentes os debates sobre diversos temas, especialmente o que tratamos neste projeto, qual seja, a violência contra a mulher. Buscando elevar a proficiência em leitura e escrita, propusemos, primeiramente, manter a motivação dos alunos para que frequentem regularmente as aulas, ofertando diversos gêneros textuais e outros materiais que os ajudassem a desenvolver as referidas capacidades.

Desenvolvimento

DESENVOLVIMENTO DISCUTINDO O PROBLEMA

Algo que a princípio facilitou bastante o desenvolvimento do trabalho foi o fato de já conhecer a maioria dos alunos. Muitos haviam estudado comigo anteriormente, por duas razões: ou eram da fase anterior e foram aprovados ou eram alunos com histórico recorrente de desistência. Portanto, poucos eram os desconhecidos para mim.

O trabalho proposto foi apresentado por meio de um diálogo informal, envolvendo os alunos num debate coletivo sobre a ocorrência de violência cometida contra as mulheres. Para minha surpresa, todos estavam ávidos para contar o seu caso, ou o de uma amiga, parente, vizinha, havendo necessidade de intervir diversas vezes, para garantir a vez e a voz de todos. As histórias foram as mais variadas, desde a surra dada pelos pais, passando pelas ofensas verbais, às agressões físicas e sexuais e feminicídio. Dentre os casos relatados, o que mais me emocionou foi o de um homem. Isso mesmo, a de homem que relatou sua infância sofrida, marcada pelo abandono e a ausência de uma mãe que fora assassinada pelo pai. Outros, mais jovens, comentaram que suas mães também eram agredidas, mulheres relataram que sofreram agressões das mais diversas, ora pelos pais, ora pelos maridos, ora pelos filhos.

Ao constatar que a violência contra a mulher é causada por homens, que culturalmente se justificam pela sociedade patriarcal e pela crença de que cabe ao homem a palavra final, certifiquei-me que o projeto deveria envolver os homens, que se configuram em alguns casos como algozes, quando agredem e matam

as mulheres e em outros como vítimas, quando perdem suas mães em decorrência da agressão do pai ou outros.

A partir daí, mudei o foco que estava somente na vítima e passei ao agressor e a palavra, nessa fase, ficou presente no discurso dos homens que relataram diversas situações onde se assumiam agressores e responsáveis pelos índices de violência debatidos em sala de aula. Houve ainda, manifestações de repúdio realizadas por homens e mulheres contra tais atos.

Na aula seguinte, buscando avaliar as condições de escrita dos alunos e alunas, solicitei que escrevessem um texto narrando experiências de violência presenciadas por eles. A mesma atividade da aula anterior, porém escrita. De posse dos textos, percebi que teria um longo caminho a percorrer até atingir um desenvolvimento de escrita ideal. Foi então que após discutir, com a colega Jeanne, as opções para registrar os depoimentos, concordamos que o mais apropriado seria usar a gravação de vídeo para coletar os depoimentos. Nesse contexto, os relatos escritos seriam realizados posteriormente, quando se apropriassem mais das regras de escrita e da estruturação textual. Debatendo mais profundamente, percebemos a necessidade de pesquisar acerca dos índices de violência na escola. Para conseguir essa resposta, elaboramos um questionário de pesquisa que foi aplicado na escola e no Centro de Convivência de Idosos, onde a escola possui salas anexas de EJA.

AULA INAUGURAL

A aula inaugural do projeto aconteceu na semana em que se comemorou o “dia internacional das mulheres” e envolveu toda a comunidade da EJA (cerca de 80 estudantes no dia). A palestra enfocou, inicialmente, a história de Tereza de Benguela, sua luta pela manutenção do quilombo do Quariterê e liderança à frente do movimento de resistência à escravidão e à culturalização europeia. Dando prosseguimento, foram apresentados e debatidos os dados de violência contra a mulher, principalmente a negra.

O tema debatido propiciou espaço para discussão e compreensão de que se trata de um problema cultural e histórico, razão pela qual propusemos também a discussão das medidas existentes para combater a violência, como a Lei Maria da Penha, bem como a identificação e classificação de atos que podem ser enquadrados em diversos tipos de violência (verbal, física, sexual, patrimonial, psicológica e moral). Vale lembrar que durante o planejamento dessa atividade, Jeanne e eu concluímos que com tantos dados negativos, 8 de março é para ser uma data de reflexão sobre a condição da mulher nessa época e não de uma mera comemoração automática.

APRENDENDO COM OS DIVERSOS GÊNEROS DISCURSIVOS

Para desenvolver as habilidades de leitura e interpretação de textos, foram propostas as seguintes atividades.

TEXTOS BIOGRÁFICOS

Leitura e interpretação da biografia resumida de Tereza de Benguela e Maria Carolina de Jesus, com as seguintes etapas: As atividades de leituras propostas ocorreram sem problemas, porém ao redigir as suas próprias biografias, muitos alunos apresentaram resistência, alegando que não conseguiriam. Houve um trabalho de motivação para enfrentarem o temido branco do papel e muitos tentaram, desenvolvendo textos de acordo com o gênero solicitado e infelizmente outros não escreveram nada. Ao procurar entender essa recusa, percebi que os alunos só tinham segurança para copiar e não produzir, diziam “não sei tirar ideias da cabeça”. Não desesperei e decidi apostar mais, com esses alunos, em leitura e escrita de textos menores.

CHARGES

Foram selecionadas algumas charges com o tema violência doméstica para análise com os alunos:

- * Características do gênero charge (linguagem verbal e não-verbal, o humor e a crítica);
- * Discussão oral das charges, trazendo a temática para o nosso cotidiano;
- * Entre os alunos, encontrei 2 que tinham habilidade em desenhar e orientei-os a desenvolver charges semelhantes, com o objetivo de denunciar situações de violência doméstica. Lamento muito não ter conseguido anexá-las ao trabalho.

ARTIGO INFORMATIVO

Foi selecionado um texto informativo que tratasse dos principais tipos de violência e da incidência da violência doméstica no Brasil.

- * Característica do gênero artigo;
- * Leitura silenciosa e coletiva;
- * Discussão do texto, associando-o à realidade local;
- * Localização de informações específicas para melhor compreensão.

ENTREVISTA

Essa atividade foi escolhida para conhecer melhor os detalhes da história de vida dos estudantes (homens e mulheres), já que com a proposição de textos biográficos não foi muito exitosa, no momento, para todos.

- * Características de entrevistas orais, típicas de programas de TV;
- * Características de entrevistas escritas, comuns em revistas. (usei umas presentes nos livros didáticos disponíveis);
- * Elaboração de perguntas, com os alunos, para descrever a história de vida de uma pessoa;
- * Realização das entrevistas orais entre os alunos;
- * Contação das histórias (própria ou a do colega).

MÃE: IDEALIZAÇÃO OU REALIDADE?

Em decorrência da tradicional comemoração do “Dia da Mãe”, promovemos, no período noturno, uma palestra, realizada pelas professoras da modalidade EJA com o auxílio dos alunos, que promovesse uma reflexão sobre o papel de mãe na sociedade. Historicamente é comum associar a mulher ao papel de mãe e essa função geralmente é carregada de idealização que nem sempre corresponde à realidade. Sabemos que nem todas as mães são dedicadas e não são iguais. Então preparamos, para debater com os/as estudantes, um PowerPoint com os diversos tipos de mãe:

- * Mães que, mesmo com a presença dos pais de seus filhos, arcam com toda responsabilidade pela família;
- * Mulheres que não tiveram filhos e amam os filhos dos outros como se fossem seus;
- * Mães que, mesmo próximas, se ausentam emocionalmente de seus filhos; * Mães que mesmo amando seus filhos, transferem a outros a criação e educação (adoção);
- * Mães que acumulam jornadas árduas, conciliando: educação/manutenção dos filhos, trabalho e estudo.

Enquanto apresentávamos os slides, solicitamos ao público presente que se identificasse com o tipo de mãe descrito ou identificasse a própria mãe. Houve muitas mães que relataram suas histórias de acordo com o tipo apresentado. Durante a apresentação das mães, um pai se pronunciou e disse que faltava a

descrição de um tipo de mãe: o pai que é mãe e, em seguida, relatou as dificuldades que teve para educar e cuidar sozinho da filha.

PRODUÇÃO DE TEXTOS DESCRITIVOS: RETRATOS DE MÃE

Nas aulas seguintes, foi sugerido aos alunos que elaborassem um texto descrevendo suas próprias mães. Os alunos foram orientados a pensar na mãe no momento atual ou no passado, quando os filhos ainda eram crianças. Quanto a estruturação, foi sugerido usar um parágrafo para descrevê-la fisicamente com a maior riqueza de detalhes possíveis. Num segundo parágrafo, descreveria sua rotina e seus hábitos e no terceiro parágrafo, citar a importância positiva ou negativa dessa mãe em sua vida.

Nessa proposta de redação, obtive mais sucesso que na anterior. Houve muito mais alunos dispostos a escrever o texto solicitado e com riqueza de informações. As atividades de leitura e escrita oferecidas por mim e outros professores propiciaram esse desenvolvimento.

Após ler os textos, procurei fazer as intervenções individualmente atendendo às necessidades de cada um. Foi notável a melhora de escrita.

O que me chamou atenção foi o fato de alguns alunos relatarem a mãe de maneira negativa, retratando-a como omissa e irresponsável. Ficou evidente que o relacionamento desses alunos com a mãe trazia problemas para sua vida. Por outro, a grande maioria escreveu textos que descreviam o quanto a mãe fora importante e fundamental em suas vidas. Dois alunos relataram que as perderam precocemente por razão de assassinato. Consta, no campo dos anexos, um desses relatos.

GRAVAÇÃO DE VÍDEOS COM DEPOIMENTOS

Depois de várias atividades desenvolvidas, as alunas estavam bem à vontade para falar sobre a violência doméstica sofrida por elas. Notamos que muitas ansiavam por isso. Então mostramos a elas alguns depoimentos em vídeo para ter uma noção de como seria feito o nosso. A princípio o vídeo seria no modelo entrevista, já que tínhamos realizado esta atividade. Realizamos um vídeo e não ficamos muito satisfeitas porque ficou muito limitado, parecendo que as respostas eram somente recitadas, decoradas, faltou naturalidade e emoção. Então decidimos que nossas entrevistadas falariam sem condução de perguntas, claro que com uma orientação do que expressar em cada momento. Resolvemos, por questões técnicas, gravar fora da sala de aula. O local escolhido foi a biblioteca. Primeiramente, reunimos com quatro estudantes com mais de 40 anos. Antes de iniciar as sessões, as mulheres estavam um tanto nervosas, mas com a empatia e confiança construídas ao longo do processo, logo ela se sentiram tranquilas e mais calmas. Para gravar, usamos um celular e iniciamos o trabalho. Posicionamos todos os envolvidos e a primeira voluntária começou a contar sua história, que durou uns três minutos. Então foi a segunda, e os detalhes da história contada deixaram todas ali presentes tão emotivas que foi preciso interromper o trabalho para recompor nossas emoções. Prosseguimos e a cada relato, mais lágrimas caíam de nossos olhos. Nesse dia, o relato da quarta mulher ficou prejudicado devido à falta de carga na bateria do celular. As mulheres, para nossa surpresa, se prontificaram a refazer os vídeos, contando novamente suas histórias.

Após essa atividade, percebemos que tínhamos que arranjar um suporte para o celular para enquadrar melhor a imagem e garantir carga suficiente para as gravações. Fizemos outras sessões de gravações sempre com grupos pequenos de mulheres e agora temos um acervo considerável de relatos de vida. Importante informar que em todos os vídeos gravados, há a presença de pelo menos um tipo de violência doméstica sofrida por essas depoentes.

PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS ESCRITAS

Após a realização dos vídeos, os/as estudantes foram novamente encorajados a construir ou reconstruir, ampliando os textos de memórias anteriormente trabalhados. Dessa vez, a produção textual se deu de

maneira muito mais tranquila, com maior riqueza de detalhes e maior adequação às exigências da língua escrita. Um desses textos está em anexo.

- * Leitura silenciosa;
- * Leitura em voz alta e realizada pelos alunos;
- * Localização e explanação de vocábulos desconhecidos pelos alunos;
- * Identificação dos elementos da narrativa (narrador, enredo, personagens, tempo, espaço);
- * Discussão sobre a trajetória de vida de Tereza de Benguela na luta pela liberdade;
- * Discussão sobre as dificuldades de sobrevivência de Maria Carolina de Jesus e sua determinação em realizar o seu sonho de ser escritora, tendo frequentado apenas por dois anos a escola;
- * Apresentação de curiosidades sobre Tereza de Benguela: tema de enredo de escola de samba; nome de escola pública municipal em Cuiabá; e 25 de julho, dia da mulher negra e dia de Tereza de Benguela;
- * Enfatizar que Tereza de Benguela é uma heroína da história de Mato Grosso, o estado onde vivemos;
- * Observação da estrutura básica de um texto narrativo; a função do parágrafos e uso dos pontos e vírgula;
- * Escrita preliminar de textos autobiográficos.

Avaliação

Aprendizagem

O tema abordado no projeto foi violência doméstica sofrida pelas mulheres que estudam em uma escola municipal de uma região periférica de Cuiabá. Nesse projeto desenvolvido com 40 alunos, distribuídos nas 3ª e 4ª fases (equivalentes aos anos finais do Ensino Fundamental), busquei estudar os tipos de violência doméstica, os mecanismos que o Estado dispõe para combater tal problema (como Lei Maria da Penha), leitura de histórias de mulheres inspiradoras de nossa história, escrita e gravações de vídeos referentes à vida de mulheres (elas próprias ou suas mães).

Digo que esse tema não foi escolhido, ele surgiu como um problema a ser no mínimo discutido, criou forma, devido às constantes histórias de violência contadas durante as aulas, cujas protagonistas eram as mulheres. Independentemente da idade, esses relatos vinham sempre carregadas de muita dor, discriminação e violência. Diante dessa situação, e ainda pelo fato de Mato Grosso ser o estado com maior número de feminicídios no Brasil e o segundo com maior número de casos de violência contra a mulher, tracei objetivos para desenvolver um trabalho que permitisse às mulheres expor suas histórias, promovendo uma reflexão, com expectativa de mudança dessa realidade violenta. Além de criar as condições para desenvolver as capacidades de leitura e escrita, ferramentas com as quais os estudantes poderão melhorar a qualidade de suas vidas.

Com o desenvolvimento do trabalho, notei que os alunos se tornaram mais assíduos e melhoraram o desempenho, tanto que 8 alunos foram, por meio de avaliação institucional, avançados para a fase seguinte. Ficaram mais participativos, melhorando as práticas de leitura, compreensão e escrita de textos. Ao concluir as etapas previstas no planejamento, concluímos, por meio das atividades desenvolvidas, que houve um avanço na proficiência dos alunos em linguagem, pois os alunos estavam lendo fluentemente, identificavam o gênero trabalhado, localizavam informações específicas e escreviam textos com mais informações, usando a paragrafação e a pontuação.

Muitos alunos passaram a se interessar pelos livros da biblioteca, aumentando a frequência no local. No momento em que foi trabalhada, a biografia de Maria Carolina de Jesus, com leitura de alguns trechos presentes em sua obra, *Quarto de despejo, diário de uma favelada*, notei o interesse de muitos alunos em

ler essa obra. Pretendo, no segundo semestre, elaborar uma proposta de leitura e interpretação de texto com no referido livro.

Quando o gênero charge foi trabalhado, não foram poucos que se identificaram com os personagens retratados nos desenhos. Foi um momento de bastante descontração, apesar de se tratar de um tema triste. Expliquei a eles que essa é a função do gênero charge, tratar assuntos polêmicos de maneira humorística e satírica. Após explicar o processo de criação de uma charge, a importância da linguagem verbal e não verbal. Perguntei aos alunos se entre eles havia alguém que gostava de desenhar e dois se prontificaram a compor a charge com as orientações recebidas. Dessa atividade surgiram desenhos que retratavam de forma criativa a temática da violência contra mulher. Atividade que foi apreciada por todos.

A escola tem a prática de aplicar avaliações de avanço na EJA para avançar os alunos com condições adequadas para a fase seguinte e 8 alunos da 3ª fase, com média de 25 alunos frequentes, foram avançados para a 4ª fase. A avaliação foi aplicada no início de abril. Acredito que o projeto voltado para a temática de violência contra mulher motivou os alunos a frequentarem mais as aulas pelo fato de se tratar de atividades mais significativas, impactando diretamente o desempenho dos alunos, não só em Língua Portuguesa, mas também em Matemática, pois para serem avançados de fase, precisaram apresentar bom desempenho nessa última também.

Os resultados alcançados atingiram satisfatoriamente tanto os objetivos de reflexão e conhecimento sobre a violência doméstica quanto o desempenho em leitura. Na escrita, ficou evidente a necessidade de elaboração de planejamento que favoreça o crescimento de todos, uma vez que muitos não conseguiram desenvolver satisfatoriamente a referida capacidade.

Outro aspecto importante foi que, embora o projeto estivesse planejado para 3ª e 4ª fases, em determinadas situações, por meio de palestras, ele atingiu outras fases, proporcionando a toda comunidade escolar a discussão do tema.

Reunimos também com os alunos e fizemos uma avaliação oral sobre a aprendizagem que tiveram e a metodologia usada para desenvolver os assuntos. A resposta da grande maioria foi positiva. É claro que houve alunos que reclamaram, dizendo que preferiam copiar mais textos do quadro negro. Quem trabalha na EJA sabe que é comum essa expectativa de alguns alunos novatos na modalidade. Mas, principalmente em situações como essa, é importante a equipe de professores apoiar e explicar ao alunos que essa metodologia permitirá a sua aprendizagem de forma global e sempre elogiar cada avanço alcançado. Ao término das atividades planejadas, fiquei satisfeita com o trabalho desenvolvido e com os resultados alcançados. Vale lembrar que para atingir o resultado esperado, muitas ações foram alteradas, como a produção de textos biográficos escritos que teve que ser, a princípio, adiada e substituída por entrevistas gravadas em vídeo e essas, por sua vez, alteradas para depoimentos sem a presença de um entrevistador. Essas alterações, em muitos casos, ficaram melhor que o planejado inicialmente. Essas mudanças foram possíveis devido ao trabalho conjunto com a professora Jeanne, em readaptação de função e a amizade e confiança construída com os/as estudantes que se dispuseram a refazer textos e regravar vídeos diversas vezes.

Enxergamos também que as questões financeiras impedem a emancipação e autonomia das mulheres que vivem em situação de violência doméstica, pois muitas, por conta da baixa escolaridade, responsabilidade de cuidar de filhos pequenos ou porque os companheiros não permitem que tenham um trabalho fora de sua residência. Para ajudá-las a superar essa dificuldade, estamos buscando formação adequada (baseada na filosofia da economia solidária) e parceiros para oferecerem oficinas de qualificação profissional para que elas tenham melhores oportunidades no mercado de trabalho formal ou consigam uma renda extra, trabalhando em casa.

Durante a análise dos resultados obtidos, nos deparamos num processo dialético. A avaliação a que chegamos é o ponto de partida para a elaboração de um novo projeto que visa aprofundar o assunto com

leitura de textos mais específicos, apresentar palestras com autoridades do judiciário e realização de oficinas de artesanatos para geração de renda e/ou terapia. Tudo para que nenhuma menina ou mulher seja vítima de violência doméstica.

Reflexão

A replicação desse projeto de combate à violência doméstica, nas modalidades EJA, é possível e necessária em qualquer região do país, uma vez que a violência doméstica se confunde com nossa história e está presente em todas classes sociais. Mesmo assim, para que isso aconteça, é necessário pesquisar o quanto essa temática é problema que representa interesse na comunidade. Devido à natureza do assunto, é uma proposta que também é adequada para áreas de Ciências Humanas e se a equipe conseguir desenvolver o trabalho de forma interdisciplinar, ficaria mais rico ainda, pois não trabalhamos os aspectos históricos, sociais e geográficos da formação cultural do Brasil que justificam toda essa tradição de violência doméstica e esse conhecimento, trabalhado por profissional da área, fez muita falta.

Por se tratar de um tema que parece privilegiar as mulheres, muitos profissionais poderão questionar como abordar o homem. Caso isso ocorra, por parte dos profissionais ou dos estudantes, exponham o papel dos homens nessa situação, uma vez que eles estão diretamente ligados à violência doméstica e todos os seus desdobramentos, já que, por um lado, são os principais agressores das mulheres e por outro lado, são as vítimas, quando perdem (sua esposa, mãe, filha, amiga) em razão da violência doméstica. Digo isso porque no início tive receio de excluí-los, o que não aconteceu e a participação deles foi muito ativa.

Não há grandes custos financeiros para execução desse projeto, praticamente usamos os materiais que a maioria das escolas dispõe. Usamos, por opção, nossos próprios aparelhos celulares para gravação dos vídeos. Mas para desenvolver o volume de pesquisa, leitura, elaboração e avaliação das atividades, excedemos, em pelo menos 30%, a jornada normal de trabalho, e isso aconteceu devido à grande empolgação que nos envolveu. Sugiro que desenvolvam todas as etapas do projeto, respeitando a carga horária de trabalho prevista.

Os professores que optarem por desenvolver esse trabalho poderão se espantar com inúmeras histórias tristes e até sofrer ou perder o sono refletindo sobre o quanto, apesar de tantos avanços na legislação e atuação no judiciário, as mulheres são vítimas dos mais variados tipos de violência. Eles também poderão sentir, além da gratificação profissional, a gratificação cidadã e humana por ajudar inúmeras mulheres a expor suas dores, a curar suas feridas e acreditar que ainda há esperança para terem uma vida melhor.